



Sou pirata da internet por causa da minha mãe, e ele sorriu ao lembrar do sorriso tranquilo da Líria, e quase acrescentou, há uma química entre nós, fechando a apostila, lição um, “O estudo da matéria”. Um trocadilho e uma frase ambígua: pela ambiguidade, e talvez pela sua mãe, você perdeu sua primeira mulher, ou, melhor dizendo (a autoestima é um treino, disse-lhe Batista uma vez; não cai do céu), ela perdeu você, como consolou sua mãe, sem lamentar muito, na verdade com um discreto ricto de triunfo, uma espécie de *até que enfim, a infelicidade tem um limite, nem que seja minutos antes da morte* — de que filme era essa frase?

— Minha mãe adora filmes franceses e aquela atriz, a Jeanne Moreau.

Madrasta, na verdade, essa palavra carregada de histórias infantis, e era como se Líria imediatamente se transformasse numa presa nas suas mãos sinistras de filho adotivo, o que os faria irmãos de infortúnio, e ele sorriu novamente diante do monitor: estava feliz, poderia dizer à sua mãe. Que também era uma falsa mãe, mas num outro sentido. Valeria a pena contar à Líria, em nome de alguma intimidade futura? *A intimidade futura*. Como se toda mulher, a sua simples sombra, fosse uma promessa de intimidade, sob cuja proteção ele seria enfim um homem verdadeiro. Fechar os olhos e beijá-la, e ele fechou os olhos por um segundo, *cara, quer um conselho?* — e o conselho veio antes da resposta, *jamais se meta com alunas*. Ele ouviu isso do seu sólido sócio, Batista, o homem que teve a ideia brilhante de abrir uma *oficina de texto para vestibular*, primeiro uma saleta alugada na Voluntários da Pátria, que foi ficando pequena, depois uma ampliação na Doutor Faivre, agora uma casa, e em seguida, na mesma Doutor Faivre (*É perto da universidade, perto do centro,*

perto de tudo, melhor lugar impossível), dois andares maravilhosos, dez anos de contrato de aluguel, *mas eu preciso de sócios para a ampliação. Pensar grande. Turmas regulares, quem sabe; e agenciamento local de aulas particulares diferenciadas. Só professora. Preço alto, à altura da qualidade. Turmas com no máximo dez alunos. Matemática, história, literatura, tudo. Você entra com a química, que ninguém sabe o que é nem como ensinar. Como era que eles te chamavam lá no Êxito Vestibulares? “O melhor professor de moléculas do cursinho”*, e eles riram. Professor de moléculas — eu acho que é o que sou mesmo, na sala de aula e na vida real. Como se não quisesse pensar muito, no excesso de especulação o desejo se perde (o rosto de Líria nítido diante dele, os olhos com estrias azuis, bonitas e leves, praticamente uma menina, *eu não entendo nada de química, professor; preciso de um reforço. Faço psicologia, que vou levando de qualquer jeito, mas quero fazer medicina, que é outra história, bem mais difícil de entrar*), digitou *jeane morau IMDB*, e o Google corrigiu para *jeanne moreau* e logo em seguida ele pulou de *Louis Malle* para *Ascenseur pour L'Échafaud*, o que será *échafaud*? — “cadafalso”, *Elevador para o cadafalso*, ele traduziu no Google (o filme não é lá essas coisas, um noir europeu, disse-lhe o Beto, mas tem uma puta trilha sonora do Miles Davis, é do caralho, e ele achou graça, esses intelectuais refinados são assim, você usa palavrões para dar aulas de literatura por alguma influência do padrão cultural do governo? Que metal o presidente seria na tabela periódica?, brincou alguém, e alguém respondeu *merda*, soltando uma gargalhada em seguida, e um terceiro acrescentou num resmungo audível enquanto saía de perto, *bem, o ouro da tua tabela deve ser o presidiário, o ladrão filho da puta*), e dali saltou para *btbit.org*, copia e cola o título do filme, uma chinesa seminua quase sem peito num quadradinho inefechável olhou para ele do canto do monitor com olhar ingênuo e oferecido em movimentos coleantes e repetitivos do GIF, mas ele desviou os olhos à série de torrents que se abria, clicando em seguida na opção *size*, do maior para o menor tamanho, quem sabe achava um arquivo ripado de blu-ray, mas o maior era um MKV de

4.49GB, não cabe no pen drive formatado em FAT32 (ou mandava pelo Transfer All? Não, melhor entregar pessoalmente o pen drive, conversar ao vivo, explicar os detalhes, manter a companhia) — merda, sempre dá um trabalhinho reduzir arquivo. Único defeito do Mac, ele reclamava no início, falta um NTFS nativo incluso no cardápio, por que os caras não universalizam as partições de uma vez? Porque a Apple é um sistema solar autônomo, você tem de ir para o planeta deles com mala e cuia para todo o sempre — foi a primeira coisa que ouviu, anos atrás, ao trocar de sistema, com a emoção de quem entra num clube caríssimo e exclusivo. O engraçado é que o Steve Jobs era metido a hippie, alguém reclamou. Esses americanos são engraçados. Logo em seguida, encontrou um arquivo enorme da trilha sonora de todo o Miles Davis em FLAC, o som perfeito que comprime sem perder informações do áudio, explicaria ao Batista (ele clicou no *magnet link*, só para conferir depois e dizer a ele, *cara, você não sabe o que eu consegui. Quer uma cópia?*).

Você é carente, disse-lhe a mãe em muitos momentos de sua vida, o rosto mais indiferente do que duro, como quem apenas avalia um defeito de fábrica quando não há mais nada a fazer a respeito, era o que tinha na maternidade, pegar ou largar, aquele joelhinho feio, enfezado, sem dono, e ostensivamente pidão atrás do vidro da maternidade, e ele riu da própria piada; um homem *carente*, que passará a vida implorando em silêncio o afeto alheio, porque sua mãe é falsa, e abaixo uma opção do filme de 3 GB, envelopado em MKV (é engraçado, ele explicaria, o nome dessa extensão vem de “matrioska”, as bonequinhas russas umas dentro das outras; explicando melhor, MKV é um potinho de arquivos compactados, não, a palavra “potinho” não dá a ideia), com som em russo e em francês (melhor do que as opções em AVI que encontrou em seguida, AVI, áudio e vídeo, é um envelope já superado, hoje só se usa MKV e MP4, ele pensou em explicar a ela, eu ponho no MKVtools, um aplicativo simples e funcional, e num minuto refaço o arquivo só com a trilha francesa original, explicar com a clareza didática de suas aulas de química — *matéria é tudo que tem massa e ocupa espaço*; mas, professor, e

essas letrinhas na página do Word, também são matéria? *Bem, a luz é outra história, mais complicada, fótons têm massa zero, mas —*), e ele clicou no *magnet link, essa evolução do torrent*, ele explicaria, que abriu instantaneamente o Transmission, o aplicativo que carrega o piano da minha pirataria, ele riu da imagem. Mas os *peers* — ele esperou um, dois, três minutos, pensando em nada — permaneciam em vermelho, caralho, ninguém semeando esse filme no mundo. Tentou o título em inglês que encontrou no IMDB, *Elevator to the Gallows*, voltou à página chinesa, dois, três, quatro torrents, nos quais ele foi clicando em fila sem escolha nem exigência, e uma versão de 4,69 GB, FIDELiO [PublicHD], e outra de 1,62 GB [YTS.AM] começaram a baixar quase que imediatamente, um torrent a 700 KB/s, outro a 850 KB/s, com saltos de ambos acima de 1 MB/s, e ele suspirou feliz. Um bom tamanho, em qualquer caso: *Filme preto e branco antigo em geral é granulado e não precisa tanto de resolução; com, digamos, um bitrate variável de 2000, até menos, conforme o codec, já dá para ver numa boa*, ele explicaria a ela.

— Como assim, “por causa da minha mãe”? O senhor não acha que é uma desculpa esfarrapada para piratear? — e ambos riram, mais uma prova de que havia *química* ali, uma química básica, da família molecular da simpatia mútua, de natureza puramente fraterna. Por que eu não me mantive *ali*, a companhia tranquila, simples, casual e principalmente sem desdobramentos, ele sonhava sentado no banco do Passeio Público, uma sombra de síndrome do pânico tocando-lhe o peito, *só sabe o que é isso quem já sentiu*, alguém disse na roda do café, olhos na lagoa esverdeada de cloro, as águas paradas (talvez explicasse à mulher que, cigarro na mão, parecia se aproximar tentativa e ameaçadoramente dele, mas sem olhar para ele, soprando a fumaça para o alto, a importância da pressão do ar na respiração, *não é você que inspira, você apenas diminui a pressão interna, e a pressão externa enche imediatamente de ar o espaço vazio de acordo com a Lei de Boyle*), e ela deu uma tragada profunda — engraçado, eu jamais pensei em fumar na vida, e dizem que é uma muleta maravilhosa: *esperar numa fila fumando é outra coisa*,

um conhecido de anos atrás garantiu, *você não percebe o tempo*, e ele imaginou como seria não sentir a pressão do tempo. Ele sentiu o aroma da fumaça de cigarro e desviou o olhar da mulher, que, com certeza, aguardava algum sinal deste homem esquisito, sinal que, é claro, não veio, e, agora de olhos fechados, voltou a concentrar a sua cabeça exclusiva e excruciantemente no rosto *belíssimo*, a palavra é esta, “belíssimo”, de Antônia Bazile, *não posso perder a memória deste rosto*, não tenho dela uma única fotografia, ele ainda diria a alguém, que responderia simplesmente o óbvio, *procure na internet*, o que seria um sofrimento pior, a ideia de vê-la em toda parte, exceto ao seu lado, e ele apalpou o celular no bolso. Antônia *de* Bazile ficaria mais condizente, ele brincou com ela (lembrando da observação de Hildo, *ela tem um jeito nobre, você não acha?*, e o sorriso maroto que veio junto lhe desagradou naquele instante, e de novo agora, pela simples lembrança), e passou a ponta do indicador nas suas sobrancelhas, primeiro a direita, depois a esquerda, como quem desenha, e ela perguntou, já armando o sorriso de Mona Lisa (*que era gordinha*, Antônia reclamou, *aquele rosto bolachudo*), *você acha? Então eu deveria me chamar “de Bazile”, a nobreza recuperada da pobreza imigrante que veio aqui matar índio, morta de fome, e agora quer passaporte europeu porque o país é uma merda*, e Antônia explodiu sua risada — diferentemente dos olhos da enteada, os dela eram estriados em verde. *Cruzamento à brasileira*, ela explicou, sorrindo sempre. Tentar encontrá-la mais uma vez, tentar tantas vezes quanto for necessário, ou desistir de uma vez? Pela primeira vez a hipótese da desistência cruzava sua cabeça, e de novo o sopro do pânico tocou-lhe o peito, agora, parecia, com uma razão concreta e assustadora. *Não me procure mais*, ele lembrou. Uma frase simples, dura, sólida, indiscutível. Já deve ter ido para Brasília, e a lógica do fato veio-lhe repassada de um surto azedo de ressentimento.

Diante de Líria, pensou em dizer *pode me chamar apenas de você*, porque ela alternava misteriosamente “você” e “senhor”, ninguém mais usa “senhor” neste mundo irrevogavelmente

democrático e sem hierarquia, *essa porra dessa esculhambação de internet que botou esses imbecis no poder; a ministra que viu Jesus; o filósofo terraplanista; o débil mental contra o globalismo que imagina que o presidente dos Estados Unidos representa o retorno de Cristo; o elogio dos torturadores; o movimento das neotrevas contra a vacina, rezando pela volta triunfal da varíola; o idiota liberando armas para combater a violência; onde essa merda vai parar?! , eles conseguem ser ainda piores do que tudo que já tivemos, por favor, tragam alguém que seja do ramo para tocar esse país, e o colega estendeu o celular com a manchete, olhe, veja aqui a última do sujeito, caralho, é impressionante, é inacreditável o que ele disse, e esse homem é o presidente do Brasil!*, e o velho professor Mattos respondeu brincando ao colega rabugento, *calma que o Brasil é grande, lento, irreversível e pesado; pouco a pouco vai esmagá-lo, mas o jovem colega fazia não com a cabeça, eu não seria tão otimista assim. A professora Juçara, nosso baluarte da direita, brincou Batista uma vez, num cochicho, mantinha-se tranquila nas conversas: Parece que a extrema imprensa, que vai perder a boquinha de sempre, escolhe a dedo as notícias para distorcer. Não vi nenhum ministro falando contra a vacina ou a favor da Terra plana. É muita torcida contra. O governo mal começou. Agora, diante de Líria, ele imaginava se, além de razoavelmente feio, ou apenas não bonito, ele disse uma vez à Hélia, eu sou não bonito (e, num reflexo, levava a mão à cicatriz do rosto, mal coberta pela barba sempre por fazer. Por que você não deixa a barba crescer de uma vez, estilo matagal, tipo Walt Whitman, uma coisa de poeta selvagem?, e ele respondeu à primeira mulher, porque, para os não bonitos, é charmosa a barba por fazer; confira os artistas de cinema, e ela achava graça dele naqueles primeiros tempos), imagina se já estava ficando velho, as pequenas marcas que desde cedo vão deixando pistas do tempo. Não seja ridículo, disse-lhe a mãe. Você não sabe o que é a velhice. Está vendo essa fila de remédios para o reumatismo? Duas horas de sono por noite? Veja minha perna inchada.*

— Eu explico. Mas é uma longa história.

— Eu gosto de histórias longas — e Líria sorriu, as mãos

cruzadas sobre o livro didático, aula encerrada, *Introdução à química*. Era um gesto de sedução? Não, não era, ele decidiu, deixe de ser idiota — ela tem um toque ingênuo, ou uma naturalidade instintiva, a boa leveza das pessoas felizes; só as mulheres conseguem revelar autenticamente esta qualidade, *leveza*, que às vezes aflora. Ou, do mesmo modo que Hélia, a poeta com quem ele se casou sob um estado maravilhoso de hipnose, Líria brinca nessa fronteira, o humor que é a prévia da sedução mas que é também defensivo, *eu estava só brincando*; há um momento na vida em que todos brincamos nesta fronteira, entre o humor e a sedução, imersos em esquisita felicidade, podemos passar de um para o outro como fotogramas que entram em fusão, fade in, fade out, a barreira física, a película fina das moléculas de segurança se rompe. Meu Deus, eu sinto desejo. O que devo fazer com ele?

O problema é você, Cândido, que só pensa nisso. A advertência do Batista reverberou novamente e ele lembrou de quase ter dito *eu gosto de mulheres mais velhas; jamais vou correr este perigo de ser processado por assédio de aluna, que coisa mais idiota.* Com o acréscimo mortal: *São as professoras que correm perigo comigo, não as alunas; como é mesmo a velha piada, o sermão de Jesus, vinde a mim as criancinhas, porque atrás delas vêm as mamãezinhas?* Mas (Cara, disse-lhe o amigo no bar, muito a sério, tocando-lhe afetivamente o braço, mas ele não esqueceu a tensão discreta do gesto, Se você conta essa piada no lugar errado, você está triplamente fodido, sem sursis; em que mundo você ainda vive?) mordeu a língua antes de supostamente se desgraçar para sempre diante das simpáticas Maria, Luciana e Beatriz, ali presentes e felizes por fazerem parte da nova Usina, respectivamente professoras de história do Brasil, inglês e literatura, todas (ele calcula) de sua mesma faixa de idade (mas só Beatriz realmente *corria perigo*, ele uma vez imaginou, para descartar a ideia em seguida, e riu sozinho: *Um homem livre procura*, ela disse a respeito de alguma coisa com aquele jeito meio duro de quem ainda não acabou de pensar sobre o que está dizendo, frisando um “procura” pleno de ambiguidade, *um*

homem livre está sempre à procura, era o que ela provavelmente queria dizer, e ele tentando descobrir se ela era solteira ou casada ou viúva no momento, ou mesmo se ela gostava de homens ou de mulheres ou de ambos. *Recebi uma proposta de São Paulo*, ela disse com ar misterioso, a ninguém em particular naquela pequena roda, e ele, súbito inquieto por se lembrar instantaneamente de Hélia, quase brincou, defensivo, *uma proposta de casamento ou de emprego?*, mas felizmente a conversa tomou outro rumo, e ele sentiu-se bem por manter o silêncio). De qualquer forma, ele disse a si mesmo, na verdade apenas um fotograma mental, *se estiver só com a Líria, deixe a porta da sala entreaberta*, aliás uma recomendação informal mas poderosa desde a primeira e entusiasmada reunião de professores da novíssima Usina, talvez Usina de Ensino, quem sabe Máquina de Ensino? Não, “máquina” dá uma ideia mecânica de robô, de repetição, de decoreba; “usina” é diferente. *E que tal “oficina”?* Não, uma ideia gasta demais, oficina de texto, oficina de linguagem, oficina de redação, os caras inventam até oficina de escritores, como se eles fossem ferreiros, todo mundo enlouqueceu — mas eles são mesmo ferreiros, disse alguém, e riu alto, martelando frases com a mão, *pac pac pac!*, e eles riram. *Usina?* E o Natálio imediatamente desenhou uma cabecinha de estudante sorridente e feliz, com fumaça saindo pelas orelhas — *Ó, uma usina! Pensar num logotipo assim. Com um toque de humor. É importante.*

— Eu explico. Nos últimos anos, minha mãe foi ficando surda.

— Você mora com ela?

Uma conversa esquisita, esta minha, ele pensou: a mania de tentar explicar tudo pelas beiradas, como peças de encaixe — talvez as pessoas não acompanhem. Ele perscrutou (“perscrutar”: sempre gostei dessa palavra, uma vez ele disse à Beatriz no café, o que — talvez Batista tenha razão — pareceu-lhe agora um movimento inconsciente de sedução; “*perscrutar*” lembra alguma coisa como *perfurar lentamente com uma broca elétrica*, uma típica brincadeira verbal de Hélia, redefinir palavras

pela ideia que os sons evocam, e Beatriz achou graça, e ele achou ela bonita achando graça), investigou o rosto de Líria para avaliar se naquele *você mora com ela* havia ironia ou se era apenas uma curiosidade legítima, *algo infantil, é isso, há algo infantil nela, uma incoerência feliz, essa pergunta instantânea antes mesmo que ele prosseguisse a explicação, crianças hiperativas, é a geração WhatsApp*, disse-lhe Batista, o “Uótz” é a *Enciclopédia Britânica* da modernidade, todas as manhãs o sábio povo brasileiro consulta o WhatsApp para saber a quantas anda a Lei da Gravidade, se já foi revogada ou sofreu veto, e ele ilustrou a ideia do amigo, *as moléculas não param mais em estado sólido, é o tal mundo líquido*, e ambos riram. Pensou em responder com uma pergunta, *e você, mora sozinha?*, mas sentiu que seria uma agulhada abrupta demais.

— Sim. Quer dizer, voltei a morar com ela. — Aquilo estava ridículo desde o começo, ele se lembrava no banco do Passeio Público, numa exaustão difícil, revendo o filme desde o primeiro fotograma; uma conversa esquisita de surdos, e percebeu o desvio do olhar de Líria para os seus dedos sobre o livro de química, talvez procurando os sinais de uma antiga aliança, a sutil ausência de sol, o anel imaginário. *Você poderia ser poeta*, disse-lhe Batista. *Nunca vi alguém falar de química com tanta poesia. Você fala da valência de elétrons ou do ácido fosfórico ou das colisões moleculares como se se tratasse de alexandrinos perfeitos ou, sei lá, da beleza das borboletas, do aroma do amor, essas coisas engraçadas de poeta.* Culpa da Hélia, pensou em dizer, a poeta que o sequestrou: *Nunca me chame de poetisa*, disse ela. *Sou poeta.* E casaram-se dois meses depois; quer dizer, juntaram-se, à maneira contemporânea: *Eu queria sair de casa*, ele confessou a ela, com o tom de uma declaração de amor, mas, pensando bem (e agora, anos depois, sentiu o reflexo de uma vergonha esquisita, *e eu não percebi isso ao dizer?*), era como se a mulher fosse apenas a expressão concreta de uma utilidade.

Sob o olhar inquisitivo de Líria, ele ergueu a mão e tocou a cicatriz do rosto, um reflexo que estava se transformando em cacoete, o sinal vermelho da timidez. E a ansiedade de aguardar a

pergunta que viria, sempre vem, assim que as pessoas criam alguma intimidade e relaxam, *e essa cicatriz, o que foi?*, como se igualmente já estendessem a mão para também tocar o seu rosto, compungidas. Com Hélia, a pergunta foi uma espécie de senha que abriu a vida em comum. Ela achou bonito aquele homem nu e lanhado, e dedicou a ele um curto poema sobre a paixão, dois únicos versos, o primeiro sobre o desejo, o segundo sobre o medo que ele evoca, *eu curto poemas curtos*, ela comentou, e eles riram do trocadilho. Ele fez cálculos precisos, agora que estava contratado como professor de cursinho, um velho futuro pela frente. (Você deve seguir carreira acadêmica, disse-lhe um professor. Pense num doutorado. Você tem lastro, foi a palavra que ele usou. De tempos em tempos voltava-lhe essa memória, “lastro”, como uma pepita que se perdeu.) *Podemos alugar uma quitinete pelo centro. Não é caro o aluguel em Curitiba, comparando com São Paulo ou Rio.*

Quase confessou à Líria, do nada: *Eu me casei* (assim: juntamos os trapos, como se dizia antigamente) *em outubro de 2004 e me separei em abril de 2007*. Por que frisar a data? E por que contar a própria vida? Pensou em quebrar aquele instante que se estendia esquisito com a brincadeira do Batista assim que ele se divorciou e voltou para as asas da severa dona Lurdes: Agora você tem de comprar aquela camiseta de criança, “Eu moro com a minha mãe”, e ele sorriu amarelo. É por pouco tempo, explicou ao amigo — e os anos foram passando. A mãe tem um ótimo apartamento na Comendador Araújo, dos antigões, uma sala enorme, quartos imensos, e um único banheiro original, quase um salão, um defeito que ele resolveu convencendo dona Lurdes das vantagens de uma reforminha, o que ela acabou aceitando relutante, *vai desvalorizar o apartamento*, como se fosse um carro em que se rebaixa a suspensão e se põe aleta e tala larga; além disso, a ideia de que sua mãe um dia venderia aquele espaço era praticamente uma *impossibilidade química*, e Batista riu da comparação. *Dona Lurdes, acontece justo o contrário, fique tranquila; o apartamento vai valorizar com duas suítes. E aqui fica um lavabo, para as visitas.*

Coisa fina. Imaginou as toalhinhas empilhadas, o frasco com o sabonete líquido, o pequeno espelho oval com moldura dourada. A velha tem um gosto antigo: molduras douradas. Jamais recebiam visitas; a solidão de dona Lurdes era granítica, primeiro para garantir sem susto a pensão do coronel, líquida, gorda e certa, *é direito adquirido*, ela dizia em cada mudança de governo. *Bem, agora com o capitão assumindo a Presidência, é mais adquirido ainda*, e Batista riu, quando ele comentou os temores crescentes da mãe. *Reforma da Previdência é só no cu dos outros*, alguém disse na roda do café; *vê se os deputados, o Judiciário ou os milicos, a putada toda, vê se esses vão entrar no arrocho. Vão o caralho*, o rastilho político queimando rapidamente a conversa. *Caramba, o governo nem começou ainda e vocês já ficam azarando o homem*, disse Daniel, o que chamou alguma atenção, *então você votou nele?!*, e Daniel ergueu as mãos, *por favor, não me metam nisso*. Beatriz deixou escapar com um sorriso, *o pior é que o governo já começou; melhor se não tivesse começado*. Ergueu imediatamente as mãos: *Tudo bem, eu me entrego. Vocês venceram*, e Daniel protestou, *eu não, nem me olhe!*, e ela riu mais alto, *eu espero sentada quatro anos. Já vou me acostumando*. E voltou às fichas com a organização dos horários do mês, a procura de aulas crescendo dia a dia, a Usina é um sucesso. *Terça e sexta, pela manhã, fica perfeito para mim. São quantos inscritos mesmo?* Eram quatro, por enquanto, e um deles filho de deputado, deve ser das conexões do Batista. Só cuidado com os comentários, o foco são os livros da lista do vestibular, e tem de fazer milagre, esse povo não lê porra nenhuma, e Beatriz sorriu, *Então não sei? A Usina, essas aulas avulsas, é o meu Uber — complementa salário enquanto nada acontece*.

— Você não vai fazer um lanche, filho? Não é bom dormir de barriga vazia.

A voz da mãe muito alta no corredor, a surdez desregula a percepção da própria voz, e ele manteve os olhos fechados, mãos atrás da cabeça, pernas esticadas sob a mesa do escritório, aguardando o filme baixar. Sussurrou o título em francês, lembrando das aulas particulares encomendadas pela mãe muitos

anos atrás: *ascenserr purr lechafô...* Uma fama perigosa, a de pirata da internet, e ele sorriu sozinho. Depois de assinalar no livro dois exercícios para ela responder até a aula seguinte, *um, qual a gravidade específica se a densidade do etanol a 20° é 0,789 g/ml?, e dois, quantas calorias são necessárias para aquecer 200 g de água de 20° até 90°? É só formular as equações e resolvê-las*, e ela perguntou num tom divertido de lamento, *e eu vou conseguir?* Claro que vai, ele garantiu, e Líria riu, *eu não consigo nem calcular minhas próprias calorias*, e ele mudou de assunto simulando casualidade, *e como você descobriu que, de vez em quando (e ele desviou os olhos para sustentar a mentira), eu baixo filmes da internet?* Ah!, a exclamação veio alegre, enfim uma resposta fácil: um amigo que fez o cursinho onde o senhor dava aulas. Comentei que minha mãe, minha madrasta, estava atrás de um filme que não achava em lugar nenhum, e ela imitou o entusiasmo do amigo: *Líria, é impressionante! O professor Cândido sabe tudo de pirataria. O cara é fanático. Peça o filme pra ele que ele consegue*, e ela riu, *claro que eu não ia pedir, nem era sua aluna, mas agora*, e ele sorriu diante do computador relembrando a animação dela, quase que um manto de intimidade se abrindo entre eles. *Só não espalhe*, disse ele, *ou a Polícia Federal vem aqui me levar algemado*. A versão masculina da Lisbeth Salander, disse-lhe alguém uma vez, *você não tem um dragão tatuado nas costas?*, e ele levou a mão instintiva à cicatriz do rosto. Ouviu os passos da mãe em direção à cozinha, disse um *já vou* inútil, e ouviu o *plim!* do filme baixado. Um toque no mouse e o monitor se iluminou; clicou no arquivo, abrindo o player VLC, e maximizou a imagem em preto e branco, feliz: era um arquivo ripado (*O que é ripar? Ah, é digitalizar um DVD, converter ele num arquivo unitário de vídeo, porque um DVD é na verdade um conjunto de arquivos*) do selo maravilhoso The Criterion Collection, sempre cópias de primeira qualidade, e viu o círculo girando em cinza como um carretel de filme contra o fundo negro até se transformar elegantemente na letra C. *A vantagem inesperada desse logotipo circular da Criterion é que você pode imediatamente conferir se está certo o aspect ratio do arquivo*, ele explicou quando

ela testou o pen drive no notebook; explicou mais por exibicionismo, esperando a pergunta *o que é aspect ratio?*, que ela fatalmente fez em seguida, e ele demonstrou surpresa, *aspect ratio? eu nem sei como se pronuncia direito — é a relação original entre largura e altura, a proporção da imagem. Se o círculo está certinho, a cópia é perfeita; se estiver oval, a relação entre os pixels não está 1 por 1, o que significa que se a TV ou o player não fizer a conversão anamórfica, a imagem vai ficar espichada, ou para os lados ou para cima, o que é um crime inafiançável contra o cinema, a pureza do olhar e a ordem do mundo*, e ele sorriu da própria piada. Seguiu-se a aula: *O formato antigo clássico é 4:3, tipo televisão de tubo, relação de 1.33:1, que era o academy ratio*, e ele fez o gesto mimético de enquadrar os dedos numa telinha imaginária (como um juiz pedindo VAR contra o Athletico, brincou Batista quando ele explicou a mesma coisa), *e depois surgiram outros formatos, a partir do Cinemascope (que só surgiu em 1953), o retângulo mais largo, de paisagem, que era um puro efeito das lentes de filmagem e de projeção*, e os dedos se afastaram lateralmente, didáticos. *O cinema francês usava muito a relação exclusiva 1.66:1, que é o formato deste filme*, e os dedos em L voltaram alguns centímetros, *é um meio-termo entre o 4:3 e o 16:9 do widescreen tradicional*, e — mas ele enfim percebeu que ela não estava interessada em absolutamente nada do que ele falava, tudo grego e aramaico; percebeu que ela mantinha os olhos fascinados inteiramente concentrados na imagem granulada (*como nas fotos clássicas em ISO 400 puxadas para 800*, ele explicou inutilmente, a voz já sumida) de Jeanne Moreau na telinha do notebook abrindo o filme, apenas os olhos tensos, densos e misteriosos de Jeanne Moreau entre duas estrias pesadas de sombras num superclose que lentamente se abria até os lábios, enquanto ela dizia com um tom discretamente rouco, mais um sofrimento angustiante que a alegria de uma revelação, *je t'aime*, momento em que Líria fechou instantaneamente o computador, *antes mesmo de entrar a impactante primeira nota do trompete de Miles Davis*, o Batista tinha razão, *belíssimo, belíssimo*, num gesto brusco, como se vissem ambos uma súbita e inesperada imagem pornográfica. E ele

percebeu que ela estava ruborizada, *essa cor antiga*, como já disse alguém, *hoje em dia ninguém mais tem vergonha na cara*. E Líria olhou em torno — apenas os dois na salinha com a porta entreaberta, a única aluna de química inscrita nesse horário (*Não se preocupe*, tranquilizou-o Batista, *nosso projeto é de longo prazo; veja que à tarde as turmas estão bem maiores, e você, como sócio, terá salário e dividendos aqui*) —, como que sob a sombra de um susto, e voltou a sorrir.

— Puxa vida, obrigada. Minha madrasta vai ficar feliz.

Ela alternava “mãe” com “madrasta”, assim como “você” e “senhor”, caminhando insegura na fronteira do afeto com a autoridade, e ele absurdamente pensou no filme *A travessia*, sobre o equilibrista francês Philippe Petit, que, sem autorização, passou de uma torre gêmea a outra em Nova York, em 1974, *eu nem era nascido*. Um filme que acabou virando uma espécie de homenagem anarquista do cinema às torres que não existem mais. *Se você quiser, eu passo a você*, e ela havia dito, *eu quero tudo!*, numa felicidade de criança. *Engraçado*, disse-lhe Beatriz uma vez, quando ele comentava o prazer que sentia em plena quarta-feira à tarde, sem culpa, vendo um filme qualquer como se fosse um vagabundo desempregado, e ela acrescentou *todos têm o sonho de passar a vida inteira vendo filmes*, e o Batista entrou na conversa, *mas é exatamente isso que as pessoas já estão fazendo o tempo todo, vendo filmes e não a realidade* — e todos riram.

Mas isso foi um pouco depois, ele calculou, olhos fixos nas águas verdes e paradas do Passeio Público, ainda sentindo o aroma do cigarro no ar, a mulher se afastando, de volta ao lugar em que estava, fracassado o seu assédio implícito. *Eu nasci no dia 29 de fevereiro*, disse para Hélia. *Assim, só faço aniversário de quatro em quatro anos*. Era uma velha brincadeira, gasta e sem graça, que ele arrastou pela infância e pelos aniversários fantasmas, uma sensação estranha de fraude cada vez que ele ganhava um presente no dia 1º de março. *Você não existe*, disse-lhe um coleguinha rindo, e ele, criança, impressionou-se com a ideia, *eu não existo*. Reagiu: *Claro que eu existo!* — mas permanecia uma incerteza infantil, se a data é apenas um

remendo na lógica do tempo, como eu nasci?, que com os anos se dissolveu no humor. Mas, curiosamente, com Hélia a piadinha surrada surtiu efeito, quando ele quase já havia perdido a esperança de impressionar a poeta num encontro de bar na agitação da Itupava. Batista, o amigo de sempre, foi o cupido: *Te apresento o Cândido, o gênio da química. Dá aula no Êxito. Fomos colegas na Federal.* Ela não moveu o braço nu, onde brilhava uma pequena tatuagem florida, para cumprimentá-lo — apenas sorriu, disse um *tudo bem?*, e voltou imediatamente a conversar com a colega ao lado, *pois eu estou na Fundação Cultural agora*, ele ouviu, e Cândido recolheu a mão que arriscava estender, até que, no confuso acerto das cadeiras e da mesa duplicada, Batista e seus amigos, *ele é um líder, ele sempre foi um líder*, disse-lhe alguém anos depois, *pode entrar na sociedade sem medo porque não tem erro, pessoa corretíssima*, viu-se justamente diante de Hélia, que bebericava uma caipirinha *de vodca*, ela explicaria mais tarde, *e pouco açúcar. Meu Deus, estou engordando*, mas essa observação era quase um pedido de elogio. Bonita e magra, ele avaliou, os cabelos negros revoltos de medusa, a pele lisíssima e amorenada, os lábios exatamente a meio caminho entre o carnudo e o fino, entre o quente e o frio, e um pescoço que saía com tranquila elegância da blusa negra, e ele matutou se as duas amigas seriam namoradas — ele entreviu ali, quem sabe, uma intimidade cúmplice, quando súbita ela tocou o braço da amiga numa espécie de *só um minutinho* e encarou-o nos olhos como a resgatá-lo da sua solidão momentânea, o Batista contando uma história animada ao lado esquerdo da mesa, e à direita uma namorada de alguém que lhe dava beijinhos e erguia a mão atrás de um garçom —

— Sabe que eu nunca consegui entender química?

E sorriu, à espera, olhos nele, que levou um choque *térmico*, ele explicaria depois, porque, diante daquele silêncio claramente inseguro, ela tirou a mão do braço da amiga (que também olhava para ele, com uma surpresa divertida, *está acontecendo alguma coisa aqui e eu não entendi ainda mas parece legal*) e colocou-a suavemente sobre a mão dele que repousava inútil na mesa, e ele

sentiu o leve calor dos dedos, que ali ficaram por um segundo significativamente extenso.

— Mas eu curto o lance poético da química — O sorriso se abriu. — Por exemplo, nunca me esqueci da relação entre energia de ativação e velocidade de reação.

Os dedos dela se recolheram e ele sorriu, lembrando: “empatia” é a capacidade de se colocar mentalmente no lugar dos outros e ver o mundo dali. Era como se ela pedisse desculpas pela secura do cumprimento de dois minutos antes e ao mesmo tempo mantivesse o controle da situação pelo poder da graça. Ativação e reação: lembrou do argumento químico que usou com dona Lurdes para conseguir os cento e cinquenta mil de empréstimo para se tornar sócio da Usina — *é um projeto grande, preciso de uma energia de ativação*, e quase montou no papel um diagrama descrevendo à mãe a *reação exotérmica*.

— E tinha uma certa reação exotérmica no quadro-negro, que eu achava linda.

— Você estudou química? — foi o que ele escolheu perguntar, impactado pela coincidência de memórias. *Foi a velha e boa paixão à primeira vista*, ele contaria, anos depois, à Antônia Bazile, que diria apenas *eu não quero saber*, mantendo o sorriso e aproximando os lábios para beijá-lo novamente. *Eu não quero saber nada de você. Essa nossa história vai terminar em breve. Tem de terminar. Por favor, não se apaixone.*

— No cursinho, como todo mundo. Eu fiz pedagogia.

Ele sentiu que a amiga de Hélia, que, cabeça virando de um para outro, parecia observar uma pipeta didática, estava momentaneamente esquecida; e Cândido e Hélia se fitavam inquietos, para não deixar a *energia de ativação* se perder (como relembraram mais tarde), e ele levou a mão direita à cicatriz do rosto, e a esquerda, imitando o vizinho, para o alto, em busca de um garçom, *o atendimento aqui é uma merda*, alguém disse, e Hélia lhe estendeu imediatamente o copo, *não quer provar da minha caipirinha enquanto a cerveja não chega?* — e eu provei, fiz uma careta simpática, e disse, *que delícia*, pensando não exatamente na bebida, mas naquele breve casulo emocional, mas

isso Cândido não contou; ele sempre obedecia à sua condessa de Bazile, que não queria saber nada dele além da brincadeira e da utilidade dos filmes, *como se ela não quisesse jamais me dar o direito à palavra*, ele lembrou com um fio renovado de ressentimento no Passeio Público, a prostituta agora de novo imóvel a dez metros, olhos nele, talvez intrigada pela sua aura, pela sua *inequívoca eletricidade negativa* (pensou num diagrama), e ele fantasiou levá-la a um quartinho das redondezas, *a poética grotesca do baixo meretrício*, uma vez alguém lhe disse, mas a imagem não foi adiante e ele sentiu imediatamente uma *náusea mental, ou ressaca moral*. *Eu estou sujo*, agora uma observação concreta, e ele bateu nas pernas para tirar o que parecia uma mancha de terra ressecada. Pensou em abrir a embalagem da faca para com ela raspar aquilo, e quem sabe ficar mais apresentável. Voltaria ao prédio ainda mais uma vez? *Não me procure mais*.

Líria fechou o notebook e imediatamente percebeu o desajeito do seu inexplicável gesto brusco, o *je t'aime* de Jeanne Moreau reverberando ridículo entre eles, e ele quase brincou repetindo a aula, *a velocidade da reação depende da quantidade de colisões efetivas*, e ela em segundos voltou ao estado de equilíbrio com uma pergunta simples, *puxa vida, nem sei como agradecer*. *Como faço com o pen drive? Posso trazer na próxima aula?*, e ele titubeou entre o gentil *claro que sim, não tem pressa*, e o mais lógico *copie agora o filme no computador*, pelo qual acabou se decidindo, porque permitiria estender a conversa (honestamente: o objetivo era apenas desfazer aquele sopro de mal-estar pelo gesto súbito dela de fechar o computador) e acrescentar o detalhe da legenda, era preciso explicar. *Isso está virando uma coisa compulsiva, você é um neurótico*, disse-lhe Hélia, no seu primeiro exemplo mais nítido de agressão, já com um ano de convivência, a voz neutra, quase uma psicanalista resumindo um estudo de caso, a estranha obsessão de acumular filmes — *você vai passar a vida empilhando HDs? Nem que você vivesse trezentos anos iria ter tempo de ver todos esses filmes. Mais de mil filmes estocados!* Hoje são dez mil, ele calculou. Preciso contá-los. Dez mil e um, somando com este Louis Malle que eu não tinha e

que acaba de cair na minha rede. *Venha fazer um lanche*, ele ouviu a mãe gritar da cozinha. *Preciso só ajustar uma legenda*, ele respondeu em voz baixa, como se ela pudesse ouvir. Lembrou da camiseta imaginária: *Eu moro com a minha mãe*, e riu sozinho. Abriu o opensubtitles.org e procurou direto pelo título em inglês, *Elevator to the Gallows* — por sorte, achou uma legenda com a bandeirinha do Brasil, e exatamente para o release blu-ray (YTS) que ele tinha baixado. Abriu o arquivo no Jubler, programa de legendas para o Mac, e apagou os créditos dos *legenders*, *cara, é um saco, bem no charme dos créditos originais do filme, eu adoro ver os créditos de entrada de filmes e séries, ali você sente o pulso da obra, pois é bem ali que eles tacam aquela sequência exibicionista dos nicks dos tradutores das legendas, uma coisa horrível, eu apago as linhas todas, eu acho que quem faz legenda pirata tem de ser discreto e elegante, é uma missão solitária, uma coisa samurai, você pirateia em nome da ética comunitária* (Batista deu uma risada, *cara, um dia você ainda vai preso e não conte comigo para te soltar*), *bota lá no fim uma pequena marca, ou então bem no comecinho, junto com o logotipo da distribuidora, mas nunca depois que o filme começa, é uma sacanagem, uma falta de sensibilidade visual*, continuou explicando ao Batista, que o encarava como a um alienígena, até perguntar brincando: *Todo professor de química é assim?* Antes de renomear a legenda para ajustá-la com o filme, pensou em acrescentar uma linha inicial de três segundos abaixo do C do Criterion, “Cândido Filmes — Coleção da Líria”, mas refreouse. *Não seja criança.*

— Você pode copiar agora no computador, e eu aproveito para explicar como funciona a legenda — e seu jeito foi tão simples, *um técnico honesto explicando o funcionamento de uma geladeira*, e ele sorriu mentalmente com a palavra “geladeira” (*tudo que Antônio não era*, e ele sentiu dor, a dor lancinante da ausência, um luto semelhante ao da morte, *aquela filha da puta nunca vai entender o que é isso, eu estou precisando dela como jamais precisei de alguém*, e ele olhou de novo para a prostituta imóvel, a visão embaçada), que assim como surgiu se desfez o rubor de Líria, e ela abriu de novo o computador, como se arrependida do

gesto de fechá-lo, *é claro, vou copiar aqui mesmo, sou uma distraída*, e o rosto de Jeanne Moreau surgiu inteiro paralisado nas sombras com a legenda branca *eu te amo* ridiculamente explicativa, e ela minimizou o fotograma do player com um clique, como quem esconde novamente a prova do crime, mas agora sem culpa, *o técnico da geladeira é uma pessoa correta*.

— Você tem o arquivo do vídeo, veja ali na pasta do pen drive, *ascenseur pour l'échafaud*, eu sempre ponho o título original do filme, seguido do país de produção e a data entre parênteses (franca 1958), porque é mais simples para localizar depois e padroniza minhas pastas, e também por padrão não ponho maiúsculas nem acentos nem cedilhas, porque nem todo leitor USB das TVs reconhece caracteres especiais. E, veja, tem um segundo arquivo com exatamente o mesmo nome — e ele frisou bem, professor eficaz, diante da aluna obediente, que balançou a cabeça, atenta à explicação —, tem de ser *exatamente* o mesmo nome, nem um espacinho a mais, mas a extensão da legenda é normalmente *.srt* (pode também ser *.txt*) e não, por exemplo, como nos arquivos de vídeo, *.avi*, *.mp4* ou *.mkv*.

Conferiu o WhatsApp do grupo Usina, uma sequência idiota de memes sobre os modos de fechar o Supremo, Dolores perguntando se alguém achou os óculos dela esquecidos na secretaria, Batista convocando uma reunião para quinta-feira, *probleminhas burocráticos, nada grave*, e o emoji sorrindo; a Chico's do shopping oferecendo camisas a cinquenta por cento off; pensou em enviar uma mensagem à Líria, *filme na mão!*, com um bonequinho sorrindo e a imagem de um projetor, mas apagou em seguida, sob um pequeno surto de ansiedade. *Tem alguma coisa nela que eu não sei o que é*. Levantou-se enfim para o lanche da noite, tarefa já resolvida para entregar amanhã às dez horas, neutramente, mas viu-se objeto de conversas sorridentes entre alunos, *o cara é um puta pirata!*, e alguém daria uma risada. Eu preciso me cuidar, e isso soou como uma recomendação universal, que ia desde o fungo da unha do pé (*Se você não tratar agora*, disse-lhe Hélia, com razão, mais de dez anos atrás, *esse fungo vai destruir tuas unhas de um modo que você, por vergonha,*

nunca mais vai querer usar sandália de dedo, no que ela acertou plenamente) até o assustador mundo dos afetos, em que ele jamais se sentiu à vontade. Isso é a cidade, essa cidade deixa você assim, eu sinto isso a todo momento, disse-lhe um accidental colega mineiro no curso de química, com quem uma única vez trocou confidências num bar, pilhas de cerveja sobre a mesa de fórmica, amigos para sempre até o amanhecer, milênios atrás. Essa cidade é uma merda. Se puder, saia daqui, insistia ele, baixando a voz como um conspirador. *Eu não sou vaidoso*, defendeu-se intimamente, pensando no fungo da unha mas levando a mão à cicatriz, como se só agora lhe ocorresse o que deveria ter dito à Hélia, todas as infinitas coisas que deveria ter dito e ter feito e que não disse e não fez. *Pois deveria ser*, ela teria respondido, imaginou ele avançando pelo corredor até a cozinha, onde dona Lurdes, praticamente no escuro, apenas sob a claridade mortiça de uma arandela, passava uma geleia orgânica numa fatia de pão integral. Ele acendeu a luz do alto e sentiu um toque súbito de velhice definitiva na cozinha, a vida arrastada, que se espalhava pelo espaço como uma teia invisível, dos azulejos desbotados à louça disparatada na mesinha gasta de madeira, cada peça de uma era, e na parede o eterno e ridículo quadrinho com um alce sobre a neve (*Eu gosto dele*, dizia-lhe a mãe. *Presente do teu pai. Tem valor afetivo*).

— Muito bom o filme que eu acabei de ver — ela gritou, alegre por ele enfim lhe fazer companhia, ele sentiu. — O título é *Apostasia*, alguma coisa assim. Desses últimos que você me passou. Uma história desses fanáticos malucos, testemunhas de Jeová. Deixam o filho morrer mas não aceitam transfusão de sangue. Eu gostei da atriz que faz o papel de mãe. Eu acho que me identifiquei — ela acrescentou, em voz inesperadamente baixa, quase um sussurro para uso próprio. — A gente aprende a gostar das pessoas — agora a voz subiu súbita, como se percebesse a presença dele. — Antigamente eu não gostava de ninguém.

Ele fez o gesto de sempre, abanar a mão lenta de cima para baixo, entre o sorriso e a reprimenda sussurrada:

— Mãe, não precisa falar tão alto — o que ela ignorou.

— Não sei por que você bota o nome dos filmes em inglês, eu já esqueci todo o meu inglês. A última vez — e ela ergueu o vidrinho da geleia contra a lâmpada, como se pudesse ver sua composição química através da luz, *esses venenos que eles põem aqui para matar a gente*, e ele sempre ouvia aquilo como uma agressão sutil a ele, o *químico*. Era inútil explicar, *mãe, é tudo química, o mundo é química, a arte da química salva milhões de pessoas todos os dias*.

Então você é adepto da arte da química, disse-lhe o procurador federal, alguns dias depois, colocando três pedrinhas de gelo no seu uísque, *Fura*, explicou ele mostrando a garrafa, *uísque Fura, o nome da ilha escocesa onde Orwell terminou de escrever 1984, e que o matou de tuberculose. A ilha, não o uísque*, e ele deu uma risadinha. *Li que aquela ilha é mortal, o lugar mais insalubre do mundo, mas produz esta obra-prima*, e ele olhou para o copo como para evitar ambiguidade. *Quer experimentar? Dizem que o nosso vice-presidente, o general, é chegado numa dose de uísque. O que é bem melhor do que gostar de leite condensado, que parece que é a preferência do presidente*. Cândido tentou interpretar o breve sorriso, se era ironia ou apenas uma fria constatação, mas estava concentrado demais em controlar o próprio nervosismo para tirar alguma conclusão. *Síndrome de estudante; basta sentar numa cadeira escolar diante de alguém em pé*, disse-lhe Batista rindo. *O mais alto doutor treme, como os venerandos senhores fazendo curso de reciclagem no Detran por excesso de multas*. Ele repetiu o oferecimento:

— Vai uma dose? com gelo? — e, antes que respondesse sim ou não, o homem colocou pedrinhas de gelo, com a distração de quem pensa longe, talvez procurando o que dizer, naqueles minutos mortais de constrangimento de dois desconhecidos que se encontram e não podem escapar dali, a respiração sutilmente alterada, há mulheres e relações envolvidas e ainda não explicadas. — Bem, imagino que você não está dirigindo, seria contra a lei brasileira, da qual, afinal, sou um dos fiadores por profissão — e estendeu o copo a ele, o mesmo sorriso no rosto que não conseguia decifrar, e enfim, sentado na ponta da

poltrona, ele achou o que dizer:

— Eu nem tenho carro.

— Bem, agora com o Uber, com todos esses aplicativos de transporte, ter um carro virou mesmo um mau negócio, uma coisa meio sem sentido. Mas vá dizer isso a um brasileiro. Ele deixa de comer para ter um carrinho. Ou diga às montadoras, que se locupletam com a festa, qualquer que seja o governo — e agora o sorriso pareceu um pouco mais solto. — Mesmo eu, veja só: três carros na garagem! É ridículo. Um pra Antônia (está certo que ela já chegou aqui com ele, não foi culpa minha, eu até propus que ela vendesse, e ele abriu os braços com ironia defensiva, olhando para a porta do corredor, *querida, você ouviu essa?*, de onde ela não surgiu como Cândido esperou e desejou ardentemente por alguns segundos para se livrar daquela conversa difícil), outro pra Lica, que é o apelido da Líria, a sua aluna, minha filha do primeiro casamento, que praticamente pode ir a pé aqui do Centro Cívico para a universidade todos os dias (e novamente olhou em direção à porta, para onde foram essas mulheres?). Faz sentido isso? E, cá entre nós, um prato cheio pra falar mal do Judiciário brasileiro, a zorra que fizeram com o auxílio-moradia, na verdade uma mera complementação salarial, tudo achatado, e eu, exclusivamente pelo meu cargo atual, ainda tenho carro oficial com motorista, é claro. Ou eles queriam o quê? — Cândido sentiu um toque exibicionista mas que não chegava a ser ofensivo; transparecia, quase que à revelia, uma condescendência irônica banhada de sinceridade, *veja, eu tenho privilégios, mas também tenho consciência*, um desejo sincero de honestidade e remissão existencial. *Eu também sou uma boa pessoa*, ele quis dizer. Sentou-se enfim na poltrona ao lado, mexendo o gelo do uísque com o dedo, e em seguida deu um suspiro cansado, quase teatral, *um dia cheio!*, talvez ele quisesse dizer, e estendeu o braço com o copo, *tim-tim!* Ele é aquele tipo de pessoa (mas para quem contaria isso? Sim, ao Batista — é o que me resta) que precisa manter o controle permanente sobre as relações humanas; ele sempre terá o que dizer sobre qualquer assunto, e será dele a palavra definitiva em qualquer caso. O

ministro da Justiça? É o que todo mundo está falando, e acho que tem um fundo de razão, ele disse mais tarde, servindo-se de mais uísque, desta vez sem gelo, o copo quase cheio, quando a Antônia já estava ali e olhava aflita para ele; uma coisa é sentar a bunda na cadeira fria do juiz e, com uma canetada, enfiar um ex-presidente na prisão, manter solto quem convenha, esconder o que interessa, pedir vistas eternas; outra bem diferente é sentar na cadeira quente de ministro, principalmente num governo tocado por idiotas, e imaginar que um “fiat lux” e um estalo de dedos funcionem à sua imagem e semelhança. A velha mágica, sem a varinha de juiz, agora dá chabu.

Como se, súbito, percebesse estar falando demais, calou-se e olhou para Cândido com inesperada estranheza, uma espécie de *o que esse sujeito está fazendo aqui?*, e acrescentou um *claro, isso a gente fala entre nós*, como um resmungo, enquanto consultava o celular por alguma razão, para devolvê-lo em seguida ao bolso e dar mais um gole, no exato momento em que Antônia surgiu do nada e depositou um prato de salgadinhos diante deles, *professor, um aperitivo? — e ao marido, Dario, coma um pouco. Quer que eu traga uma Coca? Você vai viajar amanhã.*

— O senhor ainda não explicou por que virou pirata por causa de sua mãe — ela acabou dizendo, com um sorriso desarmante, quando fechou o computador, depois de copiar o filme e a legenda, aprender obedientemente a regra de deixar os dois arquivos na mesma pasta e ouvir uma explicação suplementar incompreensível sobre codecs de vídeo, *o H264 é o padrão de compressão do MPEG-4, o popular MP4, e é graças a ele que um filme de duas horas mantém uma boa qualidade de imagem no milagre de um arquivo de um ou dois gigas.* Os dois se levantaram ao mesmo tempo, como se fossem duas pessoas encerrando uma visita cordial e não professor e aluna no fim de uma aula exclusiva de química numa das saletas da Usina, *esse andar da nova sede parece uma clínica de consultórios médicos*, brincou o professor Mattos quando subiu a primeira vez, e ele também sorriu; sentindo um pequeno choque, desembarcou a cabeça *da sua cabeça neurótica, você entra num processo circular enlouquecido*

quando começa a falar dessa bosta, disse-lhe Hélia, nos últimos dias: Olhe para mim. Você não está legal. Saia da frente do computador. Está difícil viver com um cyborg, um nerd, um maluco, sei lá que merda está acontecendo com você, e ele sentiu, num repente, *a estranheza libertadora do fim de um caso afetivo,* diria para Antônio entregando-lhe mais um fragmento de sua vida, a frase torneada como num haicai da Hélia, *estranheza libertadora,* mas isso não dá um bom haicai, assim como a química, que é demasiadamente abstrata, ainda que de efeitos brutais; *o haicai tem de ser sempre concreto e visível,* disse-lhe ela na mesa do primeiro bar, *uma esvoaçante folha de outono caindo da árvore tem muito mais peso que uma ansiedade metafísica suicida ou coisa do gênero,* um jeito simpático de professora de crianças, a mão aquecida sobre seus dedos frios, como se num gesto de acaso, e ele se apaixonou — como foi bom aquilo, e Cândido fechou os olhos diante da água verde do Passeio Público, sentimental, entregando-se conscientemente ao alívio da autopiedade: *eu preciso recuperar alguma coisa que eu perdi,* e ao olhar para o lado a prostituta permanecia próxima, com um cigarro apagado entre os dedos. Como ele, ela ainda tem alguma esperança neste cliente aqui, parece, ele pensou, sem rir — a palavra “cliente” reverberou com um peso estranho; alunos agora são *clientes,* você não sabia?, e Beatriz sorriu seu sorriso irônico quando partilhavam um café.

— Ah! A longa história de por que virei pirata! — e saíram juntos da sala, Cândido cedendo-lhe a frente com um gesto gentil. Ali era só amizade, ou nem isso, uma simpatia normal, talvez o nascimento de uma amizade futura que, de fato, nunca se realizou, *porque tudo explodiu antes e hoje Líria deve me achar um pequeno canalha,* ele ponderou, defensivo, olhando o lago verde. *Nunca houve rigorosamente nada, exceto amizade. Por isso, a ideia de traição não cabe aí.* Mas a certeza moral, que ele testou, parecia insuficiente para trazê-lo à tona. — Tudo começou porque minha mãe é surda.

Ela parou à porta, tentando sintonizar a natureza do que ele disse, se era triste, se era engraçado, a frase solta de uma sitcom,